



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

MIMESE, SOCIABILIDADE E PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NO CINEMA

Milene de Cássia Silveira Gusmão³⁹²
(UFBA)

RESUMO

Considerando brevemente a discussão conceitual sobre mimese, realizada em estudos clássicos e contemporâneos, o texto trata dos processos de aprendizagem que se dão a partir das sociabilidades propiciadas pelo consumo de cinema. O objetivo é perceber nos encadeamentos relacionais que se dão nesse âmbito, como se viabiliza a transmissão de saberes em dinâmicas onde os processos de aprendizagem incluem por meio das vivências incorporação e reelaboração de aprendizados.

PALAVRAS-CHAVE: Mimese; Cinema; Processos de aprendizagem; Sociabilidade.

INTRODUÇÃO

A teia de ações humanas que desenvolveu o cinema foi ao longo do processo histórico, estruturando ambiências de sociabilidade, aprendizados e instituições, e delineando as profissões do âmbito cinematográfico. Os fluxos e as relações entre as pessoas interessadas em cinema, por todo mundo, possibilitaram combinar desenvolvimentos tecnológicos, instituições e criatividade às necessidades humanas

392Coordenadora do Programa Janela Indiscreta Cine-Vídeo Uesb. Doutora em Ciências Sociais pela UFBA. Líder do Grupo de Pesquisa Cinema e Audiovisual: memória e processos de formação cultural da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Pesquisadora do Grupo Cultura, Memória e Desenvolvimento da UnB. E-mail: mcsgusmao@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

relacionadas à arte e ao entretenimento. Além das sociabilidades propiciadas pelas ambiências de consumo cinematográfico que acabaram por formar o grandioso público da sétima arte, foram surgindo no percurso de seu desenvolvimento, agentes envolvidos na produção dos filmes, críticos, revistas especializadas, cineclubes, encontros e seminários, mostras e festivais, cursos, setores e departamentos nas universidades, escolas e institutos de cinema.

Surgiram a partir do compartilhamento de saberes e fazeres propiciados por vivências tanto no âmbito da produção como do consumo cinematográfico, diversas organizações e ou instituições que tiveram o cinema como referência para formação e realização. Espaços, esses, expressivos das mediações realizadas por especialistas, consumidores e produtores culturais, uma vez que estes, ao se entregarem às práticas, não só reproduzem os repertórios culturais dos quais são providos, mas também são capazes, enquanto percorrem a vida social, de modificar e moldar tais práticas no movimento em que elas mesmas se estendem por meio de cadeias ininterruptas de gerações constitutivas da vida humana.

Pensando nos termos acima relacionados, o cinema tanto se caracteriza como meio, linguagem e possibilidade expressiva, como suporte material de memória que viabiliza processos de aprendizagem, engendrando e ressignificando práticas sociais de geração em geração. Produzir e consumir essa arte, mágica, estética e afetiva, propicia expressividades e sociabilidades. Não é por acaso que se devemos levar em conta os afetos e as emoções, quando discutimos o consumo de bens culturais. Atividades como estas, mediadas simbolicamente, além de emprestarem sabor específico às nossas memórias, possibilitam a estruturação da vida social, estabelecendo laços de solidariedade entre as pessoas em seus mundos da vida. Por isso, é importante compreender o cinema e outras atividades de tempo livre e de lazer enquanto práticas ou meios atuantes que viabilizam a manutenção ou a



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

transformação de atitudes humanas, de condutas cotidianas e de sensibilidades que constituem as memórias sociais, ao mesmo tempo em que se faz necessário aos objetivos deste artigo a compreensão dos mecanismos de transmissão e incorporação dos saberes, bem como a natureza dos aprendizados que ocorrem entre membros de uma mesma geração e entre gerações distintas, pois estes são partícipes dos movimentos que constituem a dinâmica social do cinema.

Nesse sentido, torna-se importante registrar que na condição contemporânea, a construção da memória social passa decididamente por âmbitos culturais, onde os grupos que mais acumulam capital simbólico (artistas e intelectuais, por exemplo) operam mecanismos de transmissão dos saberes socialmente acumulados. O que deve ser lembrado e o que se esquece também dizem respeito à capacidade humana de armazenar e transmitir simbolicamente esquemas de interpretação e possibilidades de expressão. As relações complexas que estruturam as práticas e trajetórias no âmbito cinematográfico também se referem a processos de significação constituídos na correlação entre memória, conhecimento e linguagem.

Esses relacionamentos constituídos pelos laços do consumo cinematográfico, onde o aprendizado entre as gerações se fez preponderante, por meio de suas formas de sociabilidade, tornou-se importante para a construção de organizações preocupadas com a transmissão de valores e significação da vida. As interações e sociabilidades propiciadas nos encontros com a arte cinematográfica possibilitaram certa qualificação na construção de sentidos para a vida num mundo que se tornava cada vez mais complexo. A ação de especialistas culturais participantes do consumo, da produção e da divulgação cultural, possibilitou a transmissão de saberes específicos para outras gerações.

Desta perspectiva, este artigo, além de tratar brevemente da relação entre consumo cinematográfico e aprendizados miméticos, objetiva demonstrar como um



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

conjunto de autores que se empenham em contextualizar as condições de transmissividade e incorporação de saberes entre gerações. Os estudos que serão tratados a seguir se empenham em cotejar as relações entre consumo cultural, sociabilidades e processos miméticos de aprendizagem.

Mimese e cinema

(...) não cedi à tentação de achar o cinema evidente, normal, banal, funcional... Pelo contrário, senti até o fim o que ressentiram os espectadores dos primeiros espetáculos dos Lumière, dos primeiros filmes de Méliès. E não é só com a maravilhosa máquina de captar e projetar imagens que eu me espanto; é também com esse grande mistério, com esse continente desconhecido da nossa ciência, que é a nossa fabulosa máquina mental.

Edgar Morin, dezembro de 1977.

Edgar Morin, no seu livro *O Cinema ou o Homem Imaginário*, conta sobre a sua experiência com o cinema, explicitando a maneira como a sedução que o universo onírico de duplos, fantasmas projetados nos ecrãs, os possuíam, os envolviam, que viviam nele e nos seus companheiros de geração. Relata o seu espanto ao descobrir que o imaginário era parte constitutiva do homem, e a maneira como foi irresistivelmente atraído pela magia do cinema.

... o que me seduzia era o universo arcaico de duplos, fantasmas projetados nos ecrãs, que nos possuíam, nos envolviam, que viviam em nós, para nós, nossa vida não vivida que alimentava a nossa vida vivida, de sonhos, desejos, aspirações, normas; e todo este arcaísmo que ressuscitava, sob a ação totalmente moderna da técnica maquinista, da indústria cinematográfica e numa situação estética moderna(...)vós, nós, eu, ao mesmo tempo que somos intensamente envolvidos, possuídos, erotizados, exaltados, assustados, que amamos, sofremos, gozamos, odiamos, nunca deixamos de saber que estamos numa cadeira a contemplar um espetáculo imaginário:



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

vivemos o cinema num estado de dupla consciência (MORIN: 1986, p. 17).

Dispondo do encanto da imagem, o cinematógrafo renovava e exaltava a visão das coisas banais e quotidianas. Para Morin (1986, p. 116), depois do Port de la Ciotat, os Lumière por meio do cinematógrafo revelaram desde as primeiras sessões, os prazeres da identificação e a necessidade de reconhecimento. O cinematógrafo restituía às coisas o seu movimento, ao mesmo tempo em que criou outros movimentos (mobilidade da câmara, ritmo da ação e da montagem, aceleração do tempo, dinamismo musical). Essas técnicas do cinema provocaram acelerações e intensificações nos processos miméticos de projeção-identificação. Sendo assim, pode-se dizer que a relação entre produção e consumo de imagens em movimento contribuiu para excitar públicos à participação. As ambiências de projeção marcadas pelo arrebatamento provocado pelos fumos, pelos ventos, pelos cheiros de gente reunida e pela alegria ingênua de reconhecer lugares familiares explicitaram claramente participações que o cinematógrafo excitou. Percebem-se as reações dos espectadores que se tornavam sentimentais, sensíveis e lacrimejantes ou eufóricos e sorridentes, a depender do que lhes suscitavam as projeções imagéticas.

Ao abordar a questão do cinema, Morin compreende que, apesar do cinema ser considerado como a sétima arte, não se discutia até então, a situação estética vivida por qualquer espectador. No momento em que se considerava o cinema apenas como um fenômeno de massmedia esquecia-se a situação mimética vivenciada pelo espectador, ou seja, não se considerava a mimese realizada por meio da projeção-identificação do indivíduo no momento em que assiste ao filme. Essa experiência mimética vivenciada pelo espectador, sem dúvida, se constituiu em um dos fatores para explicação do grande sucesso do cinema. As pessoas vão ao cinema para se ver, numa seqüência de imagens



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

que mais do que argumentos, lhes entregam gestos, rostos, modos de falar e caminhar, paisagens, cores, histórias.

Mimese: algumas considerações conceituais

Compartilhando da opinião de Gebauer e Wulf (2004, p.10), compreende-se que as habilidades miméticas permitem ao homem ser reconhecido e fazer-se reconhecer por meio da experiência comum, da comunhão dos gestos em que se compartilham códigos e ritos. Os gestos miméticos guardam um fundamento simbólico, justamente pelo fato de que o símbolo compõe a memória social. Para os autores, é no momento em que o homem recorre ao gesto mimético que ele participa como co-criador do próprio símbolo, que ele, como no processo ritual (re-actualizador) confirma sua validade e sua significação junto ao grupo social. Assim, não é difícil perceber comportamentos miméticos em diversas práticas humanas, estes recaem tanto nos processos formais de aprendizagem como em diversas vivências humanas, inclusive as atividades de lazer.

Os processos miméticos têm importância significativa no âmbito cultural das atividades humanas. Tanto Platão como Aristóteles – apesar das consideráveis diferenças entre eles – acentuavam repetidamente o significado antropológico da mimese para o surgimento e o desenvolvimento da arte, da música e da literatura, para a educação do homem, para a dinâmica da vida, assim como para manutenção e transformação das sociedades. Na época de Platão a “representação” artística em geral era chamada de mimesis. Segundo Gagnebin (1997, p. 82), a compreensão antiga insiste na fidelidade da representação ao objeto representado, pois é o objeto que desencadeia, por sua beleza, o impulso mimético. Aristóteles, divergindo do seu mestre, compreende a mimesis como forma humana privilegiada de aprendizado. Ele



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

não pergunta o que deve ser representado/imitado, mas como se representa/imita. O aprendizado mimético, para Aristóteles, designa um processo de aprendizagem onde a aquisição de conhecimentos é favorecida pelos aspectos prazerosos do processo. Sendo assim, pode-se dizer que desde então se compreendeu que o impulso mimético compunha as estruturas do lúdico e do artístico.

Em alguns estudos contemporâneos, como se pode ver a seguir, a mimese e os comportamentos miméticos são tomados como elementos constitutivos do processo socializador e civilizador, uma vez que dizem respeito às estratégias de percepção e apreensão que atuam como forças pulsantes e permeiam toda vida social, se inscrevendo no âmbito da cultura, nos processos simbólicos e comunicacionais entre as gerações. Ou seja, os códigos miméticos não são apenas repetições mecânicas de gestos, hábitos e valores, mas se referem a comportamentos prenes de significados comuns apreendidos nas sociabilidades.

Gebauer e Wulf (2004, p.14-16) também defendem que os processos miméticos desempenham um papel central para o desenvolvimento dos saberes práticos que são determinantes para as ações sociais. Dessa perspectiva, consideram que a competência de poder agir com segurança e sucesso no interior das instituições é adquirida continuamente tendo como suporte as ações miméticas vivenciadas nas relações familiares, em comportamentos nas instituições de ensino, nas diversas organizações sociais e no mundo do trabalho. Mas há de se considerar, na análise desses processos, o contexto histórico e cultural e as relações entre espaço e tempo, nas quais o ritmo e o movimento das ações têm grande importância no desenvolvimento mimético do saber prático e das suas articulações em novas conexões.

Nesse sentido, a idéia de mimese se refere às relações interdependentes entre os homens e à maneira como apreendemos pelo corpo, ou seja, os processos de



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

aprendizados miméticos dizem respeito aos conhecimentos práticos intimamente relacionados ao corpo e à capacidade perceptiva e expressiva do homem. A discussão recai sobre a importância dos aprendizados e a relação dos processos miméticos em todas as esferas da vida, numa dinâmica que não termina com a fase da aprendizagem escolar, mas se prolonga no curso das experiências humanas.

Cada encontro entre os homens depende da relação intermediada pelos processos miméticos, uma vez que, sem estes, não é possível simpatia ou antipatia, compreensão ou aversão, intersubjetividade. Os processos visuais não se esclarecem suficientemente sem uma retomada à capacidade mimética do homem. As relações que os indivíduos mantêm com os seus contemporâneos e com o meio ambiente em que vivem se estruturam em níveis de desenvolvimentos primários marcados por atos de adaptação e incorporação ao que se encontra em vigência nas relações sociais. Isto acontece nas atividades construtivas e nos processos corporais nos quais se realizam relações sensitivas ao mundo. Todavia, para Gebauer e Wulf (2004, p.37), isso ocorre abaixo do grau dos processos cognitivos, pois diz respeito a um conhecimento do mundo por meio do corpo. Os processos miméticos referem-se antes aos comportamentos, às sensações e às representações do que às valorações éticas e teóricas, pois nos atos miméticos não há diferenciação entre verdadeiro e falso, nem tampouco entre bem e mal.

Surgindo das relações interpessoais, como uma espécie de sabedoria do corpo que se constitui a partir das ações, a compreensão conceitual da mimese se dá a partir do reconhecimento de um conhecimento prático intimamente ligado ao corpo, no qual se evidencia a importância dos processos sensório-motores e de como estes se relacionam com os processos socializadores. Segundo Gebauer e Wulf (2004, p.38), trata-se de uma comunicação gestual, na qual o gesto é performativo, é um uso formal do corpo e possui caráter representativo, o corpo inteiro torna-se instrumento,



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

parecido com um instrumento musical que vibra e produz ressonâncias. Tomando essa referência conceitual e a ambiência de uma sala de cinema como exemplo, onde os espectadores assistem coletivamente a filmes, pode-se perceber, através dos gestos e expressões, uma mediação corporal que se constitui a partir da relação recíproca entre as pessoas. Nesse diálogo gestual e sensitivo, o corpo comunica-se espontaneamente, à medida que os movimentos atualizam os significados culturais.

Sendo assim, pode-se dizer que as capacidades miméticas produzem mediações entre um mundo existente e já interpretado simbolicamente e outros mundos produzidos nas singularidades relacionais. Melhor dizendo, o mundo que conhecemos já é ordenado e interpretado com a ajuda de símbolos, os outros mundos miméticos que se referem a este mundo já existente correspondem aos diversos reconhecimentos desse mundo e realizam-se de outras maneiras. Esses outros (segundos) mundos só existem na relação com o primeiro. Há vários tipos de referências: o mundo mimético pode ser uma variação do primeiro, uma criação posterior, um suplemento que tece comentário interpretativo, uma reprodução, cópia ou imitação e “um adaptar-se”. De qualquer maneira, em todas essas situações para Gebauer e Wulf (2004, p.75), a mimese participa do processo como mediadora ou como atividade, ocorre em uma mediação. Nas palavras dos autores:

As capacidades miméticas estão estritamente ligadas aos processos corporais e atuam contra os processos de abstração social. Elas lançam uma ponte ao exterior, ao mundo e as outras pessoas. Elas tentam minimizar a dura cisão sujeito-objeto e a diferença aguda entre o ser e o dever. Geralmente trata-se de uma compreensão do “intermediário” que é vivenciado no processo de assemelhação do sujeito a um mundo exterior, ou seja, a uma outra pessoa. Os processos miméticos contêm elementos racionais, mas não se esgotam neles; nos processos miméticos o homem sai de si, assemelha-se ao mundo e tem a possibilidade de levar o mundo exterior para o seu mundo interior (op. Cit, p.141).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A mediação simbólica veicula padrões de comportamento e sentimentos. Os saberes sociais são modulados nas relações cotidianas e, como já havia considerado Norbert Elias, desempenham papel decisivo na formação e continuidade de grupos humanos, dizem respeito aos aprendizados entre indivíduos e grupos sociais nas relações entre as gerações. No entanto, é importante considerar que esse processo interdependente entre saberes e fazeres está pautado pelas regularidades das condutas humanas, bem como nos dispositivos de aprendizado e formatos que se estruturam na transmissão de conhecimentos, que por sua vez atuam na competência mimética humana. Enfim, consumo simbólico e processos miméticos são constitutivos das sociabilidades humanas.

Tanto Benjamin quanto Bourdieu e Elias, ao tratarem das sociabilidades entre os homens, de uma maneira ou de outra, tomam os processos miméticos para se referirem ao desenvolvimento de certo tipo de conhecimento prático, ligado ao corpo e às mediações sociais. Benjamin, segundo Gebauer e Wulf (2004, p.33), postula um “bem mimético” com a ajuda do qual, os homens podem reconhecer um tipo específico de semelhança, estas seriam as “semelhanças não sensíveis” produzidas pela fala, pela dança, pelos gestos e pela imaginação por meio do corpo. A análise benjaminiana da mimese toma os processos de representação e expressão como aspectos ligados um ao outro e inseparáveis. Para Benjamin a repressão sucessiva de relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo conduziu a uma perda de semelhança sensível, pois partes da relação mimética com o mundo foram cedidas à escrita e à linguagem como arquivos de semelhanças não-sensíveis. No entanto, considera o autor, que partes das relações miméticas com o mundo podem ser decifradas e reanimadas por meio da leitura e da escrita com a ajuda da força mimética à disposição do homem.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Em Bourdieu (2001, p.158-160), a discussão sobre a mimese comparece na medida em que o autor trata do aprendizado pelo corpo, quando defende que a ordem social se inscreve nos corpos, numa relação permanente de confrontação com o mundo, mais ou menos dramática, mas que sempre confere um lugar importante à afetividade e, mais ainda, às transações afetivas com o ambiente social. Observa o autor que quando consideramos o mundo, incluindo os indivíduos como coisas entre as coisas, o que de fato acontece é uma inclusão material, freqüentemente despercebida ou recalcada, na qual a incorporação das estruturas sociais sob a forma de disposições possibilita a aquisição de um conhecimento e um domínio prático do espaço. Ou seja, o indivíduo sabe confusamente o que depende e o que não depende dele, o que é para ele e o que não é, ou pelo menos, o que não é para pessoas como ele, o que é razoável de se fazer, esperar ou pedir. Enquanto corpo e indivíduo biológico, o indivíduo está situado num lugar e ocupa uma posição no espaço físico e social. Tomando a propriedade biológica do corpo individual de estar aberto e exposto ao mundo, suscetível de ser por ele condicionado, moldado pelas condições materiais e culturais de existência, Bourdieu considera que o corpo está sujeito a um processo de socialização cujo produto é a própria individuação, a singularidade forjada pelas relações sociais. Dessa maneira, o mundo só se torna compreensível, dotado imediatamente de sentido, porque o corpo, tendo a capacidade de estar presente no mundo, graças aos sentidos e ao cérebro, bem como às impressões e modificações, significa-o a partir da exposição às regularidades deste mundo. Nas palavras do autor:

Tendo adquirido por esse motivo um sistema de disposições ajustado a tais regularidades, o corpo se acha inclinado e apto a antecipá-las praticamente em condutas que mobilizam um conhecimento pelo corpo capaz de garantir uma compreensão prática do mundo bastante diferente do ato intencional de decifração consciente que em geral comparece na idéia de compreensão. Em outros termos, se o agente possui uma compreensão imediata do mundo familiar, isso



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

ocorre porque as estruturas cognitivas aplicadas por ele constituem o produto da incorporação das estruturas do mundo no qual ele age, e também porque os instrumentos de construção empregados para conhecer o mundo são construídos pelo mundo (Op. Cit., p. 166).

Sendo assim, para Bourdieu (2001, p.173-174), o princípio da compreensão prática não é o de uma consciência conhecedora, mas o sentido prático do habitus existente no mundo que ele habita, pré-ocupado pelo mundo onde ele intervém ativamente, numa relação imediata de envolvimento, de tensão e de atenção, que constrói o mundo e lhe confere sentido. Dito de outra forma, para o autor, o agente envolvido na prática conhece o mundo por um conhecimento que não se instaura na relação de exterioridade de uma consciência conhecedora, mas se realiza sem distância objetivante, como algo evidente, justamente porque o agente se encontra enredado no mundo da mesma forma em que o mundo está nele sob a forma do habitus.

Em Elias, a relação entre processos miméticos e sociabilidades diz respeito às atividades miméticas, sob forma de lazer, que servem nas nossas sociedades para satisfazer a necessidade de experimentar, em público, a explosão de fortes emoções, sem causar, contudo, risco à ordem da vida social. Para o autor, as atividades de lazer proporcionam, por um breve tempo, a liberação de sentimentos fortes e agradáveis, que com frequência, estão ausentes das nossas rotinas habituais da vida.

Para dar conta dessa afirmação, Elias (1992, p. 65-80) escolhe dentre as diversas atividades de lazer, como objeto de estudo, o esporte, mais especificamente, o futebol inglês, compreendendo que é possível contribuir para a elaboração de uma visão mais alargada sobre o desenvolvimento e as características do esporte, pois estas também podem servir para conhecer os hábitos das pessoas e das sociedades que elas constituem.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Nesse estudo, publicado em português com o título: A busca da excitação, Norbert Elias juntamente com um dos seus principais colaboradores, Eric Dunning, analisa a partir do esporte, em particular do futebol e do rugby, incluindo os grupos de hooligans, o controle da violência na sociedade inglesa. Consideram que há possibilidade de se contribuir para uma visão mais alargada sobre o desenvolvimento e as características do esporte, pois estudos nesse campo podem, também, servir para o conhecimento das mudanças de hábitos das pessoas e das sociedades que elas constituem.

Deste modo, Elias argumenta que o esporte é um empreendimento de seres humanos e muitas ações humanas, que são explorados, academicamente, como objetos de estudo diferentes, como se existissem de forma compartimentada, o que, para o autor, é um equívoco, pois são, de fato, empreendimentos dos mesmos seres humanos. As pessoas exercem diversas atividades, podem acumular trabalho, funções políticas, desenvolver atividades religiosas e ainda aproveitar o tempo de lazer como esportistas. Esse argumento se justifica no contraponto de outro utilizado por alguns teóricos, de que o esporte possui apenas uma função complementar nas sociedades altamente industrializadas, ou seja, a de permitir a prática de atividades físicas a uma população com várias profissões sedentárias, com insuficientes oportunidades de se exercitar sob o ponto de vista corporal.

Nas sociedades avançadas do nosso tempo, muitas profissões, muitas relações privadas e atividades, só proporcionam satisfação se todas as pessoas envolvidas conseguirem manter uma razoável harmonia e um controle estável dos impulsos libidinais, afetivos e emocionais mais espontâneos, assim como os dos seus estados de espírito flutuantes. Nestas sociedades, a sobrevivência social e o sucesso dependem, por outras palavras, em certa medida, de uma armadura segura, nem demasiado frágil nem demasiado forte, de autocontrole individual (ELIAS,1992:68-9).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Ainda, para Elias, sociedades como estas possibilitam poucas oportunidades para demonstração de sentimentos fortes, de acentuadas antipatias e de aversões a outras pessoas. Atitudes como intensos acessos de cólera, ou de ódio feroz, sob o domínio intenso de sentimentos descontrolados, são casos para hospitais ou prisões. No entanto, a contenção de sentimentos fortes, para a preservação regular e firme dos impulsos, afetos e emoções, também é fator gerador de novas tensões. Nesse sentido, o autor argumenta, que até onde se pode verificar, a maioria das sociedades humanas desenvolve algumas contramedidas em oposição ao stress gerado pelas tensões decorrentes da vida cotidiana. Em sociedades que atingiram um nível relativamente avançado de civilização – de controle estatal da violência, logo de pacificação coletiva, com relativa estabilidade e forte necessidade de sublimação, as restrições harmoniosas e moderadas podem ser observadas, habitualmente, numa considerável multiplicidade de atividades de lazer, que desempenham a função de libertação das tensões derivadas das pressões geradas pelo convívio em sociedade. E para dar conta dessa afirmação, Elias escolhe, dentre as diversas atividades de lazer, como objeto de estudo, o esporte, mais especificamente o futebol inglês:

Em sociedades onde as rotinas públicas ou privadas da vida exigem que as pessoas mantenham um perfeito domínio sobre os seus estados de espírito e sobre os seus impulsos, afetos e emoções, as ocupações de lazer e de algumas formas reminiscentes de sua realidade exterior autorizam-nas, de um modo geral, a fluir mais livremente num quadro imaginário especialmente criado por estas atividades. (...) muitas ocupações de lazer fornecem um quadro imaginário que se destina a autorizar o excitamento, ao representar, de alguma forma, o que tem origem em muitas situações da vida real, embora sem os seus perigos e riscos. Filmes, danças, pinturas, jogos de cartas, corridas de cavalos, histórias policiais e jogos de futebol (ELIAS, 1992, p.70).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Sendo assim, a abordagem eliasiana considera que, nas sociedades industriais avançadas, as atividades de lazer constituem um enclave para desencadear do comportamento excitado em público. Para o autor, não se pode compreender o caráter e as funções específicas que as atividades de lazer têm nestas sociedades, se não se compreende que, em geral, o nível público, e mesmo privado, do controle emocional se tornou elevado em comparação com os das sociedades menos diferenciadas. Categoriza nas atividades de lazer, duas esferas primárias, as quais denomina como esferas da sociabilidade e mimética. Considera a sociabilidade como um elemento básico do lazer, pois um dos elementos básicos do prazer é o sentimento agradável vivido pelo fato de estar em companhia de outros sem qualquer obrigação ou dever para com eles, a não ser o que se faz voluntariamente. Elias (1992, p. 182-183), argumenta que não há dificuldades para reconhecer as características distintivas da sociabilidade, pois estas são claras, no entanto, as atividades de lazer com características miméticas são menos perceptíveis, necessitam de alguns esclarecimentos, pois se refere ao fato de que no contexto mimético, o comportamento emocional e as experiências da vida ordinária adquirem uma tonalidade diferente:

(...) as atividades miméticas partilham com outros tipos de lazer a função de antídotos para a rotina da vida. Mas no seu caso depara-se com pelo menos nas sociedades altamente industrializadas, uma grande variedade de organizações particularmente especializadas para as tarefas de lazer, para o despertar de excitação mimética, como um ponto cristalizador para um vasto campo de outras experiências. Estas tarefas altamente especializadas reúnem instituições miméticas e atividades que, de forma geral, agrupam compartimentos separados tais como divertimento e cultura, desportos e arte (ELIAS, 1992, p.184-185).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Pode-se perceber, na formulação eliasiana, que tais atividades de lazer se desenvolvem na medida em que a vida em sociedades altamente industrializadas e tecnificadas se encaminha para uma regulação progressiva e crescente efetuada por indivíduos que almejam aumentar as chances de obter prazer e melhorar a qualidade das relações sociais.

Além disso, a reflexão sobre os processos de aprendizagem até agora observados, pressupõe seres dotados de poder mimético e de capacidade de aprender por síntese. Ou seja, a atitude humana está referenciada nos saberes e fazeres que são socialmente elaborados na dinâmica mimética em que apreensão e re-elaboração são partícipes dos gestos de indivíduos interdependentes em relações de sociabilidade. No entanto, esses processos relacionais constituem apenas parte dos desenvolvimentos que estruturaram e continuam estruturando a dinâmica do cinema no país, mas não são suficientes para explicitar a complexa rede que possibilita a continuidade das instituições, a ampliação do quadro de profissões e as diversas formações do âmbito cinematográfico.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Coleção Memória e Sociedade. Lisboa: Difel, 1992.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GEBAUER, Günter e WULF, Christoph. *Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas*. São Paulo: Annablume, 2004.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

GUSMÃO, Milene: Cinéfilos: representações de cinema em Vitória da Conquista – Bahia. In: LEMOS, M.T.B (org). América Latina: fragmentos de memória. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.

_____. Memória, cinema e educação: algumas considerações sobre cineclubes, Estado e Igreja Católica no Brasil pós-1930. In: Lombardi, J.C; Casimiro, A.P.B.S e Magalhães, L.D.R. (orgs). História, cultura e educação. Coleção Educação Contemporânea. Campinas, S.P.: Autores Associados, 2006.

MORIN, Edgar. O Cinema ou o Homem Imaginário. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.